

Os latidos da pequena York, interferiam na conversa. O barulho dos trovões não eram altos como a intensidade da chuva reclamava, mas cada ronronar vindo do céu, era acompanhado de uma tentativa de acalmar a Chanel, que reagia energicamente e interferia a concentração na fala de ritmo cadenciado, voz baixa e firme daqueles olhos azuis hipnóticos cercado de rugas, que eram como apóstolos de um tempo e da história que emergia de seus lábios.

O lugar era totalmente inapropriado para uma conversa que prometia ser profunda e já estava nos capturando as emoções, e nos transportando para outros tempos e outros lugares. Na verdade, eram localidades em volta de nós que a evolução urbana transformou e os fez outros.

Milhares de flores nasceram, fertilizaram a terra e morreram, assim como os animais, em especial os pássaros, diferentes, pulantes, desconfiados e dóceis como o devem ser. No entanto, as plantas e os pássaros são os donos da terra e não necessitam de nomes porque, na verdade eles nunca morrem, eles persistem e nascem a todos os dias com a mesma identidade, atitudes e a principal missão: a de não terem missão alguma, exceto a de não pensar na morte, vez que isto é assunto e maldição dos homens. Este fardo nunca foi das plantas ou dos bichos. E, afinal, foram os humanos que mudaram os locais e, na tentativa de vencer a mortalidade, ergueram monumentos, escreveram textos e tentaram ser de algum valor para alguém.

A mercearia que nos abrigou da chuva era repleta de enormes balcões baixos, na altura da cintura, largos, erguidos em madeira bruta, pintadas num verde horrendo que só estava ali para dignificar a explosão de cores das frutas, legumes, rótulos e carnes penduradas... Aos fundos, um arremedo de padaria e lanchonete, improvisada com boa vontade, estávamos todos sentados em cadeiras altas e desconfortáveis, com copos de água e pães de queijo tão murchos, que não houve quem se atrevesse a tocá-los.

A magia não estava nas paredes, mas nas palavras.

Ouvíamos um testemunho de um passado onde, para se ter uma ideia, ainda se usava a palavra honra sem sobressalto. Aquela senhora que contrastava a idade com o vigor e segurança ao escandir cada sentença, narrava uma história de resistência, tenacidade e enfrentamento, contra um mundo de poder absoluto dos homens. Onde as mulheres estavam tão inseridas neste sistema de poder, que criavam meninos para serem proprietários de outras mulheres quando se transformassem em adultos. E meninas para serem obedientes, reprodutoras biológicas e daquela organização opressora.

Sorvíamos cada palavra saída da boca pequena e de lábios bem pintados, daquela mulher com os cabelos tingidos para maquiagem e o grisalho, que o passar dos anos tatua nas cabeças dos vivos.

Eu mergulhava em cada frase e, por vezes, tentava ajudar com alguma palavra que traduzisse melhor as ideias que, paulatinamente foram nos fascinando.

Os conceitos nos eram familiares, no mesmo sentido em que a trajetória da luta feminista compartilhava de nossas convicções. A diferença é que ouvimos uma voz humana que relatava o que viveu, em um tempo “onde tudo era mais difícil para a mulher”, dizia.

Há muito havia arrebatado o coração da Gisele, sentada à frente com a cachorrinha no colo, e ainda assim conseguia encorajar o relato com um sorriso empático, concentrado, transportado.

Aquele testemunho imaginei, por um instante infinito, deu a impressão de emprestar a razão da razão de sua própria luta.

Ou, quem sabe, desvelar o verdadeiro propósito dela.

Ato contínuo, observei ainda mais a cena e, capturado em devaneios, acabei por me aperceber saindo de meu próprio corpo e mirando do alto, sentindo a chuva bater nas minhas costas e a água escorrer pelo meu rosto até o queixo.

E, logo depois, as gotas pareceram cessar o movimento. Neste átimo temporal, pude verificar a inefável conexão entre as duas mulheres. Duas viventes que, em minutos, se conheceram desde sempre.

Ainda que com idades distantes, os espíritos entrecruzavam pela ideologia de uma missão e num mesmo trilhar, sempre demandante de dor, através de campos espinhosos e traiçoeiros de embate social.

E vi de soslaio ou num delírio, um futuro próximo, onde as décadas repousariam desta vez sobre a Gisele. Ela estava mudada no processo vital inevitável, e sentava serena, com a voz firme, no centro de um grupo de homens e mulheres mais jovens, que silenciava, expondo seus olhos brilhantes e ouvidos atentos à história dela: as dificuldades, os personagens, os embates, as derrotas e os avanços, em tempos nem tão remotos assim, mas “onde as coisas eram bem mais difíceis”, porque sempre o são.

E, desta forma, de geração a geração, cada mulher que decide, caminhando, produzir os caminhos da sua libertação e das demais, da maior equidade nas relações pessoais, e de uma sociedade mais humana, deixa um legado que não é de pedra, não tem fita e nem placa de inauguração.

Ao contrário, através da palavra contada, cantada, lembrada e até escriturada, novos corações se fertilizam, aquelas que deram ou perderam suas vidas, são confortadas pela sensação de que nada foi em vão... e a luta, apesar de tudo... persiste, renova, resiste, floresce e dá mais um passo.

Não pode haver lugar, em vossos corações, para suportar ou tolerar retrocessos.